



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Liaboa—PORTUGAL

End. telegr. *Talhata—Liaboa* • Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

Deliquescência social

Clamamos nós que as instituições burguesas, contaminadas já por mil podridões que as atacam da cúpula aos alicerces, estão prestes a ruir, não terá grande valor para certas entidades que ainda no imenso prelo social se conservam neutras, nem peixe sem carne, dispondo de vontade, mas não sabendo em que aplicar essa vontade, sem uma certeza, sem um ideal, duvidando das afirmações avançadas e duvidando também das palavras conservadoras, valores nulos, espíritos indecisos, consciências adormecidas. A mor parte da população portuguesa é constituída por criaturas assim, e esta maioria imensa de cadáveres morais, inertes e abúlicos, pesa como chumbo sobre as minorias activas, impedindo-as de agir, tolhendo-lhes os movimentos, quasi as reduzindo à impotência. Porque se não movem as grandes maiorias inertes? Porque não sabem a maneira de orientar os seus movimentos. Do que elas precisam é de crenças, de ideais, de princípios. Sciendes disso, todos nós procuramos insuflar vida aos que dola parecem estar destituídos. Temos-lhes dito dia a dia que o mundo marcha vertiginosamente para uma tremenda transformação. Temos-lhes dito que a velha organização burguesa não pode visivelmente aguentar-se muito mais. Temos-lhes dito que nenhuma das actuais instituições políticas está sã, antes todas elas se apresentam corroidas até à medula por vergonhosíssimas mazelas incuráveis. Temos-lhes dito que nenhum dos vigentes arranjos económicos repousa em fundamentos de justiça, antes todos eles se escoram no crime, na fraude, na violência, no roubo. E eles, os cadáveres morais, se ouvem não entendem, se escutam não acreditam. Estão cegos, estão surdos, estão adormecidos. Como acordá-los? Como provar-lhes a verdade fulgurante das afirmações revolucionárias? Como desentorpecer esses cérebros já quasi desabitados do raciocinar? Um só caminho temos: insistir, martelar, repisar. E pôr-lhe diante dos olhos amortecidos os depoimentos insuspeitos, os argumentos irrefragáveis, os factos consumados.

Clamamos nós que a revolução é necessária, e, além disso, imminente, não tem valor? Pois busquemos da parte burguesa afirmações semelhantes ou equivalentes. A burguesia fala: tem os seus representantes, os seus defensores. Nas horas da fraqueza e da sinceridade, no momento das confissões forçadas ou espontâneas, esses representantes e esses defensores dizem precisamente o mesmo que nós. Vejam os cegos, escutem os surdos. A burguesia tem os seus jornais, os seus órgãos de especulação política ou de exploração mercantil. E às vezes, raramente embora, lá de longe em longe, esses órgãos falam a linguagem franca da verdade. Os cegos que abram os olhos, os surdos que apliquem os ouvidos. E vejam, e escutem, e observem. Raciocinem depois, e maravilhar-se há de que, por tanto tempo, as verdades claras houvessem sido imperceptíveis para eles.

Ora a leitura dos jornais burgueses, e bem assim os depoimentos dos senhores deputados cada vez mais edificantes se vão tornando. Um deputado, aqui há dias, num aparte referente a qualquer escândalo administrativo—talvez a esta hora já consumado—disse no Parlamento que tudo aquilo «estava a pedir vassourada». Não foram estes insurrectos bolchevistas que se diz nós somos quem o disse: foi um senhor deputado. Um jornal burguês publicou. O Parlamento a pedir vassourada... E o mesmo que se trata da principal instituição política do regime. Falando dela, da sua decadência, do estado de último relaxamento a que chegou, ainda dizia uma folha burguesa, indignada contra a falta de presença nas sessões:

Porque se não encontram os senhores deputados a hora de se fazer a chamada—uma segunda chamada—no hemisfério? segunda chamada faz-se às catorze

horas. A não ser por um firme propósito de perturbar o andamento dos trabalhos parlamentares, só se explica que haja retardatários porque outras ocupações lhes prendam o tempo ou porque tenham hábitos de gente que perde as noites e consagra as manhãs ao sono reparador e aos cuidados da «toilette»... A's quatorze horas, já os homens de trabalho alguma coisa de útil realizaram, qualquer que seja a tarefa a que dediquem a sua actividade produtiva. A's catorze horas, já se trabalhou muito nas fábricas, nos escritórios, nas oficinas, nos estabelecimentos de comércio, já se deve ter trabalhado também alguma coisa nas repartições públicas. A's catorze horas, já se decorridas duas depois que uma força militar, que uma banda marcial precede, se dirigiu para fazer a guarda de honra ao edifício das cortes. A's catorze horas, já está, pelo menos há meia hora, sentado no seu fauteuil o presidente da câmara e inicia-se em voz lenta e pausada a espaçadíssima segunda chamada dos senhores legisladores...

E, mais abaixo, a mesma folha: Supomos que dos senhores deputados, aqueles que, tendo sido eleitos, nunca apparecem na câmara, e os que lá vão de fugida ou só tarde se apresentam em cada sessão, nenhum foi preso para representar a nação e colaborar na feitura das leis. Se foram eleitos, com os votos dos seus correligionários e amigos ou por graça do ministro do interior, foram-nos de sua livre vontade, com sua plena aquiescência. Ninguém os obrigou, ninguém os seduziu, ninguém os enganou. Bem sabiam quais eram as suas obrigações. No entanto, dir-se-ia que só ficaram as suas regalias, os seus privilégios, as suas honras...

E' tempo de arripar caminho. Se a verdade dos que só por vaidade aceitar um mandato está satisfeita e farta, renunciem, vão-se embora! Se foi o reconhecimento da própria incompetência ou da sua inadaptação às funções parlamentares que os afastou da câmara, renunciem, vão-se embora! Se os seus hábitos de vida, se as suas ocupações os impedem de comparecer com assiduidade, renunciem, vão-se embora! Os senhores deputados, se não estamos em erro, são em número de cento e sessenta. Porque se não conseguem reunir, ao menos, os tantos deputados necessários para o chamado «quorum»? Ontem, o «quorum» era de cinquenta e nove. A primeira chamada responderam trinta, a segunda cinquenta e oito. Quer dizer, uma câmara de cento e sessenta membros pode funcionar e deliberar com menos cem. P-is nem assim funciona, para vergonha nossa.

Algumas das hipóteses consignadas na longa mas curiosa transcrição que fizemos vão sublinhadas porque de facto são particularmente interessantes. E agora reparamos que precisamente a mesma folha burguesa donde extratamos as linhas acima traz muita e muita mais matéria curiosa, absolutamente digna de cópia. Num artigo de primeira página, referente as roubalheiras que dois funcionários, um do ministério da agricultura, outro do das colónias ultimamente levaram a efeito, lê-se:

...estes simples afloramentos, efusões frustres, de um estado social em deliquescência, tendem a fazer carreira nos nossos costumes; vai-se mercadeando a honra e o brío, secretamente, usufruindo os lucros ilícitos, que maculam por dentro, mas que permite o andar limpo por fora.

Estamos em pleno naufrágio social: mal de miséria... moral...

A questão de estômago existe claramente, mas debaixo da forma excrível de *apetite insaciável*, e não de fome. Os casos precedentes são concludentes.

Abra os olhos os cegos, apurem o ouvido os surdos. Um jornal único consegue aglomerar uma enciclopédia inteira. Lá se vêem também referências à competência governativa dos nossos estadistas. Lá se atesta a enormidade da nossa crise financeira, que é pavorosa e irremediável. E, sobre a grande desmoralização a que chegou tudo quanto em Portugal tenha a chancela burguesa ou estatal, ainda no mesmo jornal se podem ler mais edificantes notas, como a relativa a certo indivíduo, das obras do Estado que

era há dois anos apontador nas obras de S. Vicente, e,

ganhando actualmente 3\$25, pagava 29 escudos de renda de casa, tinha criada, vivia à grande e, recentemente, comprou por 12 a 16 contos, na travessa de Rebelo da Silva, A M P, um prédio de 10 inquilinos que vale bem 30 contos. Pelas folhas que lhe foram apreendidas, viu-se que figuravam nela operários com seis dias de vencimento numa semana, quando só tinham trabalhado três.

O saque, a perfeita dissolução

Relações internacionais

Vão restabelecer-se os combóios através Paris-Munich-Viena

PARIS, 17.—A Inglaterra, a França, a Bélgica, a Tcheco-Slováquia e a Polónia estarão dentro em pouco em relações directas através da Alemanha, se bem que os inimigos tenham criado durante a guerra uma companhia alemã «Mitropa», destinada, no seu espírito, a suplantar a companhia franco-belga dos «Wagons-Lits».

O contacto Paris-Munich-Viena, assegurado antigamente pelo expresso do Oriente, está restabelecido, pois acaba de ser posto em circulação o «Paris-Praga-Varsóvia-Viena-Express» e o «Ostende-Praga-Varsóvia-Viena-Express», assegurando as relações directas entre a França, a Bélgica, a Alemanha, a Tcheco-Slováquia e a Polónia, bem como entre a França, a Bélgica e a Austria.

Estes combóios, constituídos unicamente por wagons-leitos, salões-restaurantes e fourgons da Companhia dos Wagons-Lits serão cotidianos, saindo contudo provisoriamente três vezes por semana. Partem de Paris, de Boulogne e de Ostende todos os domingos, terças e quintas-feiras, dirigindo-se a toda a velocidade sobre Strasburgo. Um, parte de Boulogne e de Paris por Barle-Duc e Nancy; o segundo parte de Ostende por Bruxelas, Luxemburgo e Metz. De Strasburgo estes dois combóios partirão: um, para Varsóvia, por Stuttgart, Nuremberg, Mariemad, Carlsbad e Praga; outro para Viena e ulteriormente para Buda-Pest.

«Foi preciso—escreve o *Figaro*—para conseguir este tão importante resultado para o restabelecimento das relações internacionais, um ano de negociações e de trabalhos feitos a instâncias do governo francês, graças à iniciativa da companhia dos caminhos de ferro de Leste e ao concurso da companhia internacional dos Wagons-Lits e dos grandes expressos europeus.

Este facto é uma grande importância, pelo qual temos de nos felicitar, embora este primeiro feliz resultado seja obtido nas linhas vitais das vias férreas europeias, percorridas antes da guerra pelos grandes expressos internacionais, o «Nord-Express», o «Sud-Express», o «Calais-Rome-Sicile-Express», etc., voltarão bem depressa à sua circulação normal, como já de se faz nas de Paris e de Roma e do «Bombay-Express».

O domínio colonial francês não será esquecido, e se a Africa do norte deve possuir o seu próprio regime de grandes expressos, os meios de colocar este vasto império nas melhores condições de rapidez e de conforto serão realizados pela criação dos grandes expressos para Argélia e a Tunísia, por Génova, Marselha, Port-Vendres, Barcelona e Cartagena.

Marrôcos será depois alcançado por uma travessia tão curta como a da Mancha, pela organização do «Sud-Maroc-Express», cotidianamente entre Boulogne, Paris, Madrid, Córdova e Algeiras (Gibraltar). Duplamente o antigo «Sud-Express» tornar-se há «Sud-Amériq-Express», partindo todos os dias de Boulogne e de Paris para Madrid e Lisboa, no mínimo tempo.—*Rádio*.

Muito condenável

Quando ontem a filha de um operário, que trabalha na obra do Bairro de Casas Económicas da Ajuda, comia um bocado de pão, feriu-se nas gengivas, notando que elle continha um vidro. O pão fora comprado na padaria da travessa dos Moínhos, à Ajuda, e temos em nosso poder a parte a que nos referimos.

Não é a primeira vez que tal caso succede, repetindo-se com frequência. Já o dissemos e voltamos a afirmar: não se admite que operários conscienciosos sirvam interesses duvidosos. Na manipulação não pode passar toda a casta de objectos, como se tem notado, e se convém de quem trabalha o pão.

Alguns manipuladores, aqueles que não têm dúbida em fazer tal serviço, devem convencer-se que isso prejudica toda a gente e inclusivamente os prejudica também. Devemos ser francos, porque não costumamos torcer a verdade. A moagem não cometeria toda a casta de crimes se não tivesse quem a auxiliasse.

duma sociedade que cai aos bocados, e da qual já nada se pode aproveitar. E a justiça? Tam corrupta como tudo o mais. E ainda o mesmíssimo jornal que o deixou antever, noticiando que «o tribunal da Boa Hora pôe em liberdade os presos que a policia lhe confia», facinoras temíveis mas possuidores contudo do dinheiro suficiente para comprar a indulgência dos carcereiros, que é provável a vendam mais barato que os juizes. Clamamos nós que um estado de cousas neste género tem de levar volta, e muito em breve, não terá grande valor para os indecisos. Mas afigura-se-nos que já os supracitados depoimentos duma folha burguesa, publicados num dia único, a todos os títulos deverão ser considerados insuspeitos. Se nem com estas os cegos se resolvem a ver e os surdos se resolvem a ouvir é porque os malos de que sofrem não tem cura.

Não silências eloquentes

Não ocorrem o caso há tanto tempo que já o tenhamos relegado da memória.

A comissão dirigente das empresas jornalísticas coligadas, por virtude dum capricho, que não por qualquer razão de ordem elevada, contra os quadros dos jornais, comissão que então era constituída pelos srs. Luis Derouet, Manuel Guimarães e um illustre desconhecido da *Epoca*, arrelida pelo facto do *Jornal do Comércio* e das *Colónias* haver quebrado o limitadíssimo lock-out, debilmente sustentado pelas mesmas empresas, e ter feito reaparecer a gazeta, mandou para a imprensa afecta uma nota officiosa concebida nos termos menos nobres que seria possível encontrar, levando a supracitada comissão tão longe a sua deslealdade que chegou a insinuar, com a maior impudência, que um homem de negócio que faz parte da empresa d'aquele jornal, colega, sob este aspecto, do sr. Derouet—que homem de negócio é igualmente, como já aqui se mostrou—estava feito com o órgão operário, isto é, com a *Batalha*, com o fim de prejudicar os interesses das empresas jornalísticas, servindo os dos tipógrafos grevistas, quasi chamando ao referido societário do *Jornal do Comércio* inimigo dos burgueses, bolchevista, o diabol.

Pois a seguir ao *Jornal do Comércio*, abrimos igualmente brecha no débil lock-out dos jornais *O Popular*, *A Situação*, *O Debate*, e, há poucos dias, a *Epoca*—todos estes publicando-se actualmente dentro das condições reclamadas pelo sindicato tipográfico—e, apesar das empresas destes cotidianos terem praticado exactamente acto idêntico ao do *Jornal do Comércio*, não vimos que accusados fomos pelos do furadíssimo lock-out de estarem feitos com a *Batalha* ou de serem bolchevistas, antes temos verificado, aliás sem assombro, que a indignação dos primitivos orientadores das empresas do *lock-out* tem mantido sobre este caso o prudente silêncio de Conrart.

Afinal de contas—a grande coisa!—trata-se apenas do registro de mais uma incoerência dos homens que afirmam ser os intérpretes da opinião pública...

A Bélgica

Não negociará com Krassine

PARIS, 16.—Informam de Bruxelas para o *Temps* que se desmente oficialmente que a Bélgica pense em tomar parte nas negociações com o delegado russo Krassine.—*Havns*.

Outro acôrdo

Entre a Rússia e a Filândia

HELSINGFORS, 16.—Considera-se imminente a conclusão do armistício entre a Filândia e a Rússia.

A fome na Madeira

O governador civil do Funchal enviou um telegrama ao ministro das colónias agradecendo-lhe as providências que deu no sentido de ser enviado de Angola para a Madeira o milho para acudir à população desta ilha, que está sofrendo os horrores da fome por falta de cereal, e insistindo para que essa remessa seja feita com a urgência num total de 6.000 toneladas, ao preço de 180 escudos a tonelada, aproveitando-se para esse fim os primeiros paquetes a sair para Angola.

Em vista da attitude tomada pelo governador do distrito de Benguela, deixou o *Portugal* de carregar o milho destinado à Madeira.

O governador interino pediu autorização ao ministro das colónias para, por contracto, effectuar essa compra.

Indústria Mobiliária

O seu I.º Congresso Nacional Corporativa

A comissão organizadora deste Congresso, acaba de dirigir a todas as Associações da Indústria Mobiliária uma circular expondo as vantagens da sua realização e a necessidade da immediata constituição da Federação Nacional.

Espera esta comissão que as referidas Associações respondam quanto antes, a fim de não prejudicar a sua acção.

Assim, por intermédio da *Batalha*, roga a máxima atenção para este assunto, no desejo de nos fins de julho poderem partir os delegados para a sua missão.

Hoje, volta a reunir a comissão, às 21 horas, rogando a comparença de todos os componentes.

A justiça dos Estados...

Os juristas internacionais em scena

PARIS, 17.—Principiui ontem, na Haia, a sessão da comissão de juristas encarregados de elaborar o projecto do tribunal permanente da justiça internacional.

A América faz-se representar pelo sr. Root. O sr. Leon Bourgeois representa a Sociedade das Nações.—*Rádio*.

Os turcos contra os franceses

E' que faltaram as munigiões...

PARIS, 17.—Informa o *Temps* que um batalhão francês que occupava Bezzini, na Sílicia, teve que render-se aos turcos quando se dirigia para a costa, por lhe haverem faltado as munigiões.—*Havns*.

O terror branco na Hungria

Os crimes cometidos pelos oficiais húngaros deixam na sombra os da inquisição espanhola, diz um antigo presidente de conselho

O protesto que a classe operária organizada dos diversos países, tem levantado contra as atrocidades cometidas pela reacção húngara, sobre os elementos operários e revolucionários, parece que começa a produzir os seus efeitos. Os dirigentes da Hungria que tem concorrido e consentido na prática de tam criminosas perseguições, reparando erro praticado, pois a indignação mundial contra os assassinos e seus cúmplices aumenta por uma forma assombrosa e a boicotagem declarada pelas organizações operárias pode ter sérias e funestas consequências para o predomínio político e económico da classe burguesa.

Por isso eles entram a confessar a realidade da existência do terror branco, que antes haviam negado. Sobre o assunto, é muito interessante o que nos dizem os seguintes trechos dum artigo publicado em *Daily Herald*:

Uma declaração sensacional

«O processo verbal da sessão da assembleia nacional de 5 de Junho prova que o governo magiar declarou enfim que tinha havido um Terror Branco.

O comte Apponyi abriu a sessão com estas palavras: «Em Neully, a nossa única esperança era o partido trabalhista inglês que poderia preservar a Hungria da expoliação. A noticia das mortes de Somoy atravessou os ares como um raio. A imprensa do mundo inteiro voltou-se contra nós.

Nós não podemos fazer ressuscitar os mortos, mas nós podemos talvez reconquistar ao estrangeiro as sympathias que a Hungria perdeu. Nós devemos fazer tudo o que podemos para isso, porque o Partido Trabalhista não tardará a governar em Inglaterra e só os operários ingleses poderão obter uma revisão do tratado.

Tenhámos a coragem de dizer as coisas tal como elas são. Os officiaes húngaros cometem sem cessar os crimes mais odiosos. Bandos de civis e militares continuam a perpetrar crimes de vos fazer pôr os cabelos em pé.

(Neste momento os deputados interromperam Apponyi, gritando: «Que sejam enforcados os officiaes!»)

Apponyi terminou o seu discurso pedindo que os destacamentos terroristas fossem immediatamente licenciados e ajuntou: «Se não se fizer isto, eu retirarei-me da república e apelaréi para o mundo inteiro para pôr fim ao terror.»

Huszar, antigo presidente do conselho, levantou-se então e declarou que devia salutar, com perigo da sua vida, que os crimes cometidos pelos officiaes

A Rússia expõe a Persia

Os seus intuitos com a occupação de Enzoli.

TEHERAN, 16.—O governo dos soviets respondeu à nota da Pérsia declarando que o desembarque de tropas bolchevistas em Enzoli não é dirigido contra a independência da Pérsia, mas unicamente destinado a proteger a navegação russa no mar Cáspio. A nota do governo dos soviets acrescenta que Enzoli será evacuada quando fique assegurada a independência da Pérsia e esta deixe de estar debaixo da influencia estrangeira.—*Havns*.

e a Sociedade das nações aguarda o resultado das notas entre os dois governos

LONDRES, 16.—O conselho da sociedade das Nações aguarda que se conclua o resultado da troca de notas entre o governo dos soviets e a Pérsia, para decidir a sua attitude perante o pedido de intervenção da Pérsia.—*Havns*.

A Pérsia livre dos ingleses

PARIS, 17.—Segundo uma informação de Teheran, o governo dos soviets comprometer-se-ia a abandonar Enzoli quando a independência da Pérsia for garantida, isto é, quando não ficar mais submetida à influencia estrangeira.—*Rádio*.

Na Suíça

Condenação do comunista Platten

BERNE, 17.—O comunista Platten foi condenado, pelo tribunal militar, a seis meses de prisão, por excitação à revolta. Platten declarou que tinha recebido plenos poderes dos soviets para negociar o restabelecimento das relações comerciais com a Suíça.—*H*.

Vida cara e difficil

Racionamento de açúcar

A Junta Federal das Cooperativas, para poder apresentar no Conselho Central das Juntas de Freguesia as requisições de açúcar das Cooperativas de Lisboa, tem de receber destas uma relação dos seus associados indicando morada e número de pessoas de família e para as juntas de freguesia relação dos seus associados ali moradores, conforme as instruções expostas na Cooperativa do Pessoal da Casa Ramiro Leão & C.ª, rua António Maria Cardoso, 18.

Mais uma aventura

Pretende levá-la a cabo Garibaldi

PARIS, 17.—Parece que o general Pepino Garibaldi prepara em território montenegrino um golpe de mão semelhante ao de d'Annunzio em Fiume. (*Rádio*)

Trabalhadores: Lede e propagai a

BATALHA.

Os livros e os autores

D. João, poema por João de Barros, Livraria Aillaud e Bertrand, Lisboa, 1920.

O autor sonhou-o em Roma, o ardente poema do amor e do desejo incarnada na simbólica personagem de D. João Tenório, que encontrou no sr. João de Barros um intérprete invulgar. Sonhou-o em Roma sob a emoção da sua beleza feita de evocativas memórias ressurgidas da poeira de oiro dos séculos, do seu ar macio de veludo, das suas colinas gloriosas, das egrejas, palácios, museus, villas, fontes e jardins.

A febre de Roma sente-se de facto no hálito ardente que perpassa em todos os belos e vibrantes versos que o sr. João de Barros inspiradamente arranca a um tempo que é velho, mas que jamais deixará de ser belo.

Versos românticos, dirão. Mas são belos, e a beleza não se confina em convenções académicas nem em nobreza de escola sempre prejudicial à inspiração natural do poeta, ao seu estro intuitivo.

Rainha Santa, elegias, por João de Castro, edições Lusitânia, Lisboa, 1920.

E' o comentário, mais filosófico do que poético, a um desenho de Jourdain colocado como um painel simbólico no limiar deste poema edificadido todo em tercetos muito correctos, mas frios e pouco expressivos.

Desconhecemos inteiramente este poeta duma emoção pastosa, e nebulosa, concebendo numa arte de acarvoadas tintas, embora se reconheça que o autor é um artista, sente e tem uma coisa grande a dizer.

A edição da *Rainha Santa* é muito original, e sumptuosa para os tempos de penúria que atravessamos.

A Afrota a António Nobre, por César de Fries, Livraria Central de Gomes de Carvalho, Lisboa, 1920.

Crítica mordaz, virulenta e apaixonada, a um trabalho de Albino Forjaz de Sampaio sobre o poeta António Nobre. O que nos interessa nesta obra é, acima de tudo, o criterioso estudo da personalidade do original do poeta do 55, de que o sr. César Fries se occupa proficiente e talentosamente numa linguagem original, muito bela e literária.

Quadros Sociais, por Eduardo Sarmiento, Casa do Globo, Braga, 1920.

Crítica filosófica, chama o autor a estes pequenos trechos escritos sinceramente, e com intenção. Com mais propriedade se poderiam qualificar de moralistas do que filosóficos.

O livro é prefaciado pelo illustre jornalista do *Primeiro de Janeiro*, sr. Guedes de Oliveira.

Helena e Menclan, tragédia histórica, em 5 actos, por José Nunes da Mata.

O autor, que é almirante e professor da Escola Naval, entretem os seus vagares no convívio amável das musas. Depois da *Ocella* e do *Frei João Mocho*, dá-nos o sr. Nunes da Mata uma tragédia grega, em verso, *Helena e Menclan*.

Simplex passatempo, sem pretensões, creemos serem os partos literários do sr. Nunes da Mata, que é um espírito ecletico, versando desembaradamente os mais variados assuntos, previsão do tempo e poesia heroica, fúros horários e problemas náuticos, logaritmos e apicultura.

Doida não!, por D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, Pôrto, 1920.

Doida não! é da autoria duma senhora que foi violentamente internada no Hospital do Conde de Ferreira, a requerimento de seu marido o dr. Alfredo da Cunha, ex-director do *Diário de Notícias*.

Estamos de novo em face, parece, de mais uma vítima do famigerado decreto de 11 de Maio de 1911, que permite internar qualquer criatura num manicómio, desde que se encontrem dois médicos de consciência fácil que subcrevem um atestado, afirmando que fulano de tal está doido. Sobre estes estranhos casos, que se estão dando frequentemente, chama o advogado da sr.ª D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, o dr. Bernardo Lucas a atenção dos altos poderes do Estado para que vejam a confusão que os senhores psiquiatras e os tribunais estão fazendo dos pontos de vista nosográfico e jurídico e pondo á pando á incomunicáveis, ou pouco menos, nos manicómios, pessoas cujo estado mental nem sempre justifica qualquer destes actos de violência

M. R.

Recebemos mais: *Anuário das Contribuições Directas*, parte I, Contribuição Predial.

Boletim Comercial e Marítimo, n.º 1 a 6.

O livro de Bêbé, maxixe de salão para piano, de Porfírio da Cruz.

Um... herói

Porque não se dedicam a trabalho útil?

PARIS, 17.—Segundo uma informação americana, o boxeur francês George Carpentier lançou um desafio a Dempsey para o campeonato mundial da categoria dos pesados, oferecendo-se para se encontrar com elle depois de 10 de Outubro.

O «manager» de Dempsey telegraphou aceitando o desafio.—*Rádio*.

Mais uma aventura

Pretende levá-la a cabo Garibaldi

PARIS, 17.—Parece que o general Pepino Garibaldi prepara em território montenegrino um golpe de mão semelhante ao de d'Annunzio em Fiume. (*Rádio*)

Trabalhadores: Lede e propagai a

BATALHA.

